

A PESTE ONÍRICA

[publicado no Dossiê Cem anos de *A Interpretação dos Sonhos* ; In: *Revista Brasileira de Literatura - CULT*. São Paulo: Lemos Editorial, Ano III, nº 28, novembro de 1999, pp. 49-56]

Márcio Mariguela

I

A exposição "Sigmund Freud: Cultura e Conflito" anunciada pela Biblioteca do Congresso em Washington para dezembro de 1995, aconteceu somente em outubro de 1998. Nela o público pôde ver manuscritos e objetos pessoais do fundador da psicanálise. Durante dois anos, a polêmica exposição fez jus ao nome. O conflito gerado aponta com precisão os embates que atravessam a cultura contemporânea desde a publicação do livro *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)* em novembro de 1899, que teve a data de 1900 impressa na primeira edição. O histórico desse livro é o mote para as comemorações do centenário da criação da psicanálise, a arte da escuta, criada pelo médico vienense.

Conforme anunciado pela imprensa, a exposição foi suspensa por exigência política, muito embora a coordenação do evento tenha alegado falta de verbas. Uma petição assinada por representantes da intelectualidade americana, dentre eles, cientistas, escritores e militantes da causa politicamente correta, conseguiu impedir sua realização. Motivo: a psicanálise é uma fraude. Os signatários da petição consideraram a prática psicanalítica fraudulenta porque, dentre outros motivos, não leva em consideração os fundamentos bioquímicos do funcionamento mental. Sobre a repercussão deste cenário na opinião pública, a Revista *Time*, na edição de 29/11/1993, publicou matéria de capa com o título "*Freud is dead*", antecipando as proposições da petição. No Brasil, a Revista *Isto é*, edição de 27/09/1995, registrou o ocorrido com a matéria "Freud está vivo".

A suspensão da exposição gerou vários protestos. No artigo "Freud pode ser sexualmente transmissível", Elizabeth Roudinesco, historiadora da psicanálise, registrou sua indignação: "Como uma instituição com tanto prestígio pôde ceder à estupidez desses intelectuais tão desnorteados a ponto de renunciar ao exercício de seu direito mais fundamental: a liberdade de expressão? Esperemos que não se trate de um sinal de déficit da democracia". E, concluindo, sugeriu: "Que tal, para a próxima exposição, a Biblioteca pensar

· Doutor pela Faculdade de Educação da UNICAMP; Professor de Filosofia, na Faculdade de Ciências Humanas e Coordenador do Curso de Filosofia da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP; Psicanalista,

em tornar 'sexualmente corretos' os manuscritos de Freud depositados em seu acervo? Assim ela poderia mostrá-los abertamente, sem correr o risco de ofender o olhar da nova América puritana".

Na verdade, o cerne do conflito atualiza questões que certamente podem ser depreendidas do embate entre o processo de criação e a expansão da psicanálise pelo mundo afora. A polêmica gerada pela exposição resgata o conflito entre o campo de saber demarcado pelos escritos de Freud, a psicanálise, e aqueles constituídos pela neurofisiologia, psiquiatria e recentemente este imbróglio chamado 'neurociências'. O que há para ser comemorado no centenário da psicanálise? Quais relevos serão desenhados nos debates atuais sobre seus avatares?

Tendo como objetivo "explorar o alcance da influência de Freud e do pensamento psicanalítico na cultura do século XX e como esse legado é contestado". A mostra nos EUA apresentou um painel na entrada com a seguinte questão: "Ele foi um cientista, um escritor, um gênio ou uma fraude?". A controvertida exposição está agendada para o período de 26 de setembro a 28 de novembro do próximo ano no Museu de Arte de São Paulo. O público brasileiro poderá ver o legado freudiano organizado em três grandes blocos: "Os Anos de Formação", "O Indivíduo: Terapia e Teoria", e "Do Indivíduo à Sociedade". Consta que a grande atração do evento é o divã em que os pacientes relatavam suas vidas.

Antes de publicar a *Interpretação dos Sonhos*, considerada a pedra angular da psicanálise, Freud escreveu diversos artigos, resenhas e verbetes para enciclopédia, demarcando seu campo de saber frente a polifonia científica de seu tempo. Publicou em 1891 um estudo *Sobre a concepção das Afásias*, seu primeiro livro. Traduziu as aulas de Jean-Martin Charcot e algumas proposições de John Stuart Mill. Escreveu sobre a paralisia cerebral infantil e um controvertido trabalho sobre o uso anestésico da cocaína. Manteve correspondência assídua com Wilhelm Fliess, o parteiro da psicanálise, que foi o primeiro a receber um exemplar impresso do livro dos sonhos como presente de aniversário.

Assinou com Josef Breuer, em abril de 1895, a edição do livro *Estudos sobre a Histeria*, onde pretendia sustentar a hipótese de que a sexualidade desempenha "um papel fundamental na patogênese da histeria, como fonte de traumas psíquicos e como motivação para a 'defesa' - isto é, para que as idéias sejam recalçadas da consciência" (Edição Standard Brasileira II, p.33). Mas, o ponto de vista não pôde ser demonstrado, pois as observações de natureza marcadamente sexual não foram publicadas por decisão expressa dos autores.

membro da Escola de Psicanálise de Campinas; autor do livro *Epistemologia da Psicologia* (Editora Unimep, 1995) e organizador da coletânea *Foucault e a destruição das evidências* (Editora Unimep, 1994).

No prefácio à primeira edição dessa obra, fica estabelecido o campo da experiência clínica e os motivos que levaram a decisão: "Nossa experiência provém da clínica particular numa classe social culta e letrada, e o assunto com que lidamos muitas vezes aborda a vida e a história mais íntimas de nossos pacientes. Constituiria grave quebra de confiança publicar material dessa espécie, com o risco de os pacientes serem identificados, e seus conhecidos ficarem a par de fatos confiados apenas ao médico" (p.33). Entre os *Estudos sobre Histeria e a Interpretação dos Sonhos* há um percurso constitutivo para a edificação dos alicerces da psicanálise. O fator sexual como agente etiológico das psicose neuroses mantém-se como eixo em torno do qual giram os registros da prática clínica de Freud.

A celeuma em torno do centenário da psicanálise escamoteia o problema enfrentado por Freud desde 1895: como diagnosticar e realizar um tratamento das manifestações de sofrimento psíquico? A dimensão psíquica dos humanos é redutível a explicações neurofisiológicas? A cartografia psíquica não seria antes uma construção histórica, jogos de verdade, relações simbólicas?

Num de seus primeiros escritos, Michel Foucault formulou duas questões que merecem ser retomadas para avaliar o cenário atual da psicanálise. Frente aos psicofármacos que inundam o mercado de medicamentos para o sofrimento psíquico, sob que condições se pode falar de doença no domínio psicológico? Que relações podem definir-se entre os fatos da patologia mental e os da patologia orgânica? O autor sustenta que "a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica, e que é somente por um artifício de linguagem que se pode emprestar o mesmo sentido às doenças do corpo e às doenças do espírito".

II

A primeira referência da intenção de escrever o livro *A interpretação dos Sonhos* aparece na carta de 15/05/1897 que Freud enviou a Fliess: "não importa onde comece, estou sempre voltando às neuroses e ao aparelho psíquico. Com certeza, não é por uma indiferença pessoal nem objetiva que não consigo fazer com que minha pena escreva nada além disso. As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; só estou à espera de um novo ímpeto (...) estou novamente pensando no livro sobre o sonho. Tenho examinado a literatura e me sinto como o diabinho celta: 'Ah, como estou contente porque ninguém sabe!' Ninguém sequer suspeita de que o sonho não é nenhum absurdo, e sim uma realização de desejo". A elaboração do "livro dos sonhos" constitui-se a matriz da teoria

psicanalítica sobre o funcionamento do aparelho psíquico. A tese de que o sonho realiza desejos, permitiu a montagem dessa estrutura.

Uma citação de Virgílio (*Eneida*, livro VII) abre o livro como epígrafe para demonstrar o que está em jogo: "Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte". Comentando a epígrafe com um tradutor, Freud explicita que a dinâmica dos sonhos é agitar o submundo: "O desejo rejeitado pelas instâncias psíquicas superiores (o desejo recalcado no sonho) agita o submundo psíquico (o inconsciente) para se fazer escutar. O que você pode ver de prometéico nisso?"

O que há de prometéico na criação de Freud? Na tragédia *Prometeu Acorrentado*, Ésquilo narra a punição de Júpiter ao titã Prometeu por ter ele roubado uma fagulha do fogo dos deuses para presentear os mortais. Numa bela passagem, Prometeu dialoga com o Coro a fim de dizer o motivo de sua punição: "Graças a mim, os homens não mais desejam a morte (...) Dei-lhes uma esperança infinita no futuro (...) Sem raciocinar, os mortais agiam ao acaso, até o momento em que eu lhes chamei a atenção para o nascimento e o acaso dos astros. Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida".

O mito de Prometeu serviu como modelo interpretativo da racionalidade ocidental. No século XVII, o filósofo inglês Francis Bacon, caracterizou a ciência moderna como herdeira do feito de Prometeu e profetizou as grandes conquistas que traria à humanidade. Freud conhecia as dificuldades para alinhar suas descobertas clínicas e suas deduções teóricas no campo das ciências naturais. O caráter prometéico de sua tese sobre os sonhos bem o demonstram.

III

Nas linhas iniciais do livro dos sonhos, Freud afirma que “a pesquisa psicológica mostra que o sonho é o primeiro membro de uma classe de fenômenos psíquicos anormais, da qual outros membros, como as fobias histéricas, as obsessões e os delírios, estão fadados, por motivos práticos, a constituir um tema de interesse para os médicos” (ESB IV, p.29). Alinhando o sonho aos sintomas, Freud estabeleceu a possibilidade de constituição de um aparelho psíquico que funciona com as mesmas características, quer estejamos em estado de sono ou de vigília.

A analogia estabelecida entre o sonho e o sintoma atravessa a obra de ponta a ponta. A intenção inicial era deslindar a estrutura das psiconeuroses através do processo de

formação dos sonhos. Freud estava convencido: "quem quer que tenha falhado em explicar a origem das imagens oníricas dificilmente poderá esperar compreender as fobias, obsessões ou delírios, ou fazer com que uma influência terapêutica se faça sentir sobre eles" (p.29).

Ao final de seu percurso, chega a seguinte conclusão: "Embora minha linha de abordagem do tema dos sonhos tenha sido determinada por meu trabalho anterior sobre a psicologia das neuroses, eu não tencionava servir-me desta como base de referência na presente obra. Não obstante, sou constantemente levado a fazê-lo, em vez de prosseguir, como desejaria, na direção contrária, utilizando os sonhos como meio de abordagem da psicologia da neuroses. Estou ciente de todos os problemas em que meus leitores ficam assim envolvidos, mas não vejo meio de evitá-los" (ESB V, p.534). Como podemos depreender, o objetivo era explicar os mecanismo de formação dos sintomas psiconeuróticos a partir da psicologia dos processos oníricos. No entanto, ocorre o inverso: é a hipótese etiológica de 1895 que elucida o processo de formação onírica.

Com a publicação do *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (o célebre caso Dora), Freud retoma a relação sonho e sintoma conduzindo-a para o cerne da prática clínica, de tal modo que o aprofundamento nos problemas do sonho é considerado um pré-requisito indispensável para a compreensão dos processos psíquicos da histeria e das outras psicoseoses. A análise do caso clínico é composta pela interpretação de dois sonhos, desse modo pode-se considerá-lo uma continuação do livro dos sonhos. .

Após apresentar os aspectos temáticos que lhe interessavam na leitura dos trabalhos bibliográficos que teorizavam os sonhos, Freud inicia o capítulo II da *Interpretação dos Sonhos*, definindo dois métodos existentes: o da **interpretação simbólica**, "que considera o conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que seja inteligível e, em certos aspectos, análogo ao original"; e o da **decifração**, que "trata os sonhos como criptografia em que cada signo pode ser traduzido por outro signo de significado conhecido, de acordo com um código fixo". A escolha de Freud recai sobre o método da decifração pois o considera mais adequado para seus propósitos terapêuticos em "deslindar certas estruturas psicopatológicas".

Como se vê, o propósito de Freud é interpretar os sonhos por considerá-lo análogo aos sintomas diagnosticados nas psicoseoses. Entre os sonhos e os sintomas há em comum a mesma estrutura. Aqui, apresenta-se uma condição inicial: se os sonhos realizam desejos, sendo eles o primeiro termo de uma série de formações psíquicas anormais, aos demais elementos da série também deverá ser aplicado a assertiva. Ou seja, os sintomas também realizam desejos. Ambos participam do ao mesmo conjunto: a estrutura psíquica de sua

produção. Esse argumento ressignifica as discussões atuais sobre o fim da psicanálise, tal como é anunciada pelos baluartes da cientificidade.

Trata-se portanto de reconhecer que os sonhos, os sintomas, os chistes e as parapraxias são produzidos por substituição de desejos ali alojados. Isso porque, "interpretar um sonho implica atribuir a ele um sentido - isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante (...) os sonhos se destinam a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e que para chegar a esse sentido oculto temos de apenas desfazer corretamente a substituição" (ESB IV, p.119).

Há na afirmação de Freud, dois procedimentos necessários na tarefa de interpretar sonhos: substituir o relato verbal (conteúdo manifesto) por "algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo", ou seja, apropriar-se dos pensamentos oníricos latentes; segundo, trata-se de "desfazer corretamente a substituição". Tal substituição só é possível por admitir que o relato verbal já ocupa o lugar (por substituição, como efeito de haver censura) dos pensamentos oníricos. O que está em questão aqui é uma topografia na qual ocorrem deslocamentos entre sistemas.

Para Freud, seus pacientes ensinaram-lhe que "o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma idéia patológica". Estabeleceu assim, a possibilidade de tratar o sonho como um sintoma. Esse argumento é decisivo para a montagem da estrutura do aparelho psíquico, pois a analogia sonho-sintoma tem implicações para compreensão dos capítulos seguintes.

Jacques Lacan capturou o problema e no *Seminário 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, ao comentar a passagem do *Projeto* de 1895 para a *Traumdeutung*, afirmou que Freud,

insiste sobre o parentesco do sonho com o sintoma neurótico, mas também sobre a diferença entre eles. O processo do sonho é exemplar para entender o sintoma neurótico, mas ele mantém uma diferença econômica absolutamente fundamental entre sintoma e sonho. Em comum eles têm apenas uma gramática. Trata-se de uma metáfora, não tomem isto ao pé da letra. Eles são tão diferentes quanto um poema épico e uma obra sobre termodinâmica. O sonho permite apreender a função simbólica que está em jogo e, a esse título, é capital para entender o sintoma. Mas um sintoma está sempre inserido num estado econômico global do sujeito, enquanto o sonho é um estado localizado no tempo, em condições externas particulares. O sonho é apenas uma parte da atividade do sujeito, enquanto o sintoma se esparrama em diversos setores. Os processos são mais análogos do que idênticos" (p.158).

O comentário de Lacan adverte para a analogia dos processos, ou seja, para aquilo que se inscreve no sonho e no sintoma e ao mesmo tempo, aponta para a diferença econômica essencial entre ambos.

É no capítulo IV que Freud introduz o problema da deformação para caracterizar o processo de formação onírica. *Die Traumstellung*, título do capítulo, foi traduzido na Edição Standard Brasileira por "A distorção nos sonhos". Convém uma observação: na Edição Standard Brasileira ocorre uma oscilação entre distorção e deformação para designar o trabalho do sonho. Na edição francesa de I. Meyerson, deformação foi o termo escolhido. A palavra deformação parece-me mais apropriada, pois implica em todos os casos de sua ocorrência, a existência de uma forma prévia que sofreu efeitos de uma ação, alterando-a, deformando-a.

Isso implica admitir de partida a existência de "duas forças psíquicas (ou podemos descrevê-las como correntes ou sistemas); e que uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma [transposição] na expressão do desejo" (ESB IV, 159). Temos estabelecidos aqui, os elementos necessários para articular a montagem do aparelho psíquico: a força produtora do desejo onírico, a primeira instância; a força censurante, a segunda instância; e a consciência, considerada como um órgão sensorial que recebe dados surgidos em outros lugares.

Freud apresenta aos leitores, o tema do conflito psíquico, demarcado pelas elaborações sobre o processo de transposição onírica. Há ainda um argumento importante: a distinção entre consciência e pensamento, fundamental para apreender a distinção que faz entre conteúdo manifesto (relato verbal) e pensamento onírico latente. O processo primário de formação de uma representação ou idéia ocorre num lugar outro. A consciência é considerada um "ato psíquico específico, distinto e independente" do processo do pensar representativo. Isto é, os elos da cadeia associativa dos pensamentos chegam deformados na consciência pela ação da segunda instância, que "não permite que passe coisa alguma sem exercer seus direitos e fazer as modificações que julgue adequadas no pensamento que busca acesso à consciência". Por isso, Freud é obrigado a admitir que "nada pode atingir a consciência a partir do primeiro sistema sem passar para a segunda instância"(ESB IV, 159).

IV

O cenário da polêmica sobre a exposição norte-americana reveste-se de significação ao inseri-la no campo da *epistêmê* fundada pela *Traumdeutung*. Apesar das várias edições que o livro recebeu durante a vida de Freud - com acréscimos significativos -, nos primeiros seis anos de publicação só foram vendidos 351 exemplares. No prefácio à oitava edição, publicada em dezembro de 1929, Freud anotou a tradução da obra em francês, publicada em 1926 na Coleção *Bibliothèque de Philosophie Contemporaine*, com o título *La science des rêves* e afirmou que sua obra é um documento histórico.

O conceito interpretação, escolhido por Freud como título de suas investigações clínicas, demonstra o aspecto de fundação de uma nova discursividade. No Colóquio Nietzsche, realizado em Royaumont em 1964, Michel Foucault analisou as técnicas de interpretação inauguradas por Freud, Nietzsche e Marx, afirmando que esses mestres da suspeita modificaram a natureza específica do símbolo e a forma geralmente usada para interpretá-lo: teriam suspeitado que a linguagem quer dizer algo diferente do que diz e entreviram que há linguagens dentro da linguagem.

Freud converteu a interpretação numa tarefa infinita, pois "se a interpretação não pode nunca acabar, isto quer simplesmente significar que não há nada a interpretar. Não há nada absolutamente primário a interpretar, porque no fundo tudo já é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos". Eis aqui a zona perigosa da interpretação: a desapareção do próprio interprete. "É, sobretudo em Nietzsche e Freud, e em menor parte em Marx, onde se perfila esta experiência tão importante a meu juízo para a hermenêutica moderna, de que quanto mais se avança na interpretação, quanto mais há uma aproximação de uma região perigosa em absoluto, onde não só a interpretação vai desaparecer como interpretação e pode chegar a significar inclusive a desapareção do próprio intérprete. A existência sempre aproximada do ponto absoluto de interpretação, significaria ao mesmo tempo a existência de um ponto de ruptura" . Desse modo, a criação de uma nova hermenêutica possibilitou a emergência de uma distribuição dos saberes que percorre o campo das ciências, subvertendo seus fundamentos primários.

O centenário do livro dos sonhos permite resgatar os elementos fundantes de uma discursividade que se tornou critério para toda e qualquer enunciação sobre a dimensão psíquica dos animais falantes. Entrou para a história uma frase que Freud teria dito a Jung quando de sua visita à América do Norte em 1909: "Eles não sabem que estou trazendo a peste". A dimensão pestilenta da psicanálise é motivo suficiente para ser injetada nas veias do moralismo tacanho que assola nossos dias. Ao pôr em cena a exigência ética fundamental do

sujeito do inconsciente, a via aberta por Freud permite resgatar a ruptura nas fronteiras, cada vez mais estreitas, neste final de século, entre o normal e o patológico.